

TEOLOGIA DA HISTÓRIA  
E AÇÃO TRANSFORMADORA



*Reitor*

Prof. Pe. Josafá Carlos de Siqueira SJ

*Vice-Reitor*

Prof. Pe. Anderson Antonio Pedroso SJ

*Vice-Reitor para Assuntos Acadêmicos*

Prof. José Ricardo Bergmann

*Vice-Reitor para Assuntos Administrativos*

Prof. Ricardo Tanscheit

*Vice-Reitor para Assuntos Comunitários*

Prof. Augusto Luiz Duarte Lopes Sampaio

*Vice-Reitor para Assuntos de Desenvolvimento*

Prof. Sergio Bruni

*Decanos*

Prof. Júlio Cesar Valladão Diniz (CTCH)

Prof. Luiz Roberto A. Cunha (CCS)

Prof. Sidnei Paciornik (CTC)

Prof. Hilton Augusto Koch (CCBS)

Degislando Nobrega de Lima  
Durval Ângelo Andrade  
Paulo Fernando Carneiro de Andrade  
*Organizadores*

TEOLOGIA DA HISTÓRIA  
E AÇÃO TRANSFORMADORA



LETRCAPITAL

Copyright © Degislando Nobrega de Lima, Durval Ângelo Andrade e Paulo Fernando Carneiro de Andrade (Orgs.), 2021

*Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados, sem a autorização prévia das Editoras.*

**Letra Capital Editora**

Tels.: (21) 3553-2236/2215-3781

www.letracapital.com.br

vendas@letracapital.com.br

**Editor Letra Capital**

João Baptista Pinto

**Projeto Gráfico/Capa** (*Pintura de Joshua Reynolds, Séc. XVIII*)

Luiz Guimarães

**Revisão**

Dos autores

© **Editora PUC-Rio**

Rua Marquês de S. Vicente, 225 – Casa da Editora PUC-Rio

Gávea – Rio de Janeiro – RJ – CEP 22451-900

T 55 21 3527-1760/1838

edpucrio@puc-rio.br

www.editora.puc-rio.br

**Conselho Gestor da Editora PUC-Rio**

Augusto Sampaio, Danilo Marcondes, Felipe Gomberg, Hilton Augusto Koch,

José Ricardo Bergmann, Júlio Cesar Valladão Diniz, Sidnei Paciornik,

Luiz Roberto Cunha e Sergio Bruni.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

T29

Teologia da história e ação transformadora / organização Degislando Nobrega de Lima, Durval Ângelo Andrade, Paulo Fernando Carneiro de Andrade. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Letra Capital : PUC-Rio, 2021. 256 p. ; 15,5x23 cm.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-89925-01-9

ISBN 978-65-88831-27-4

1. Teologia e História. 2. Cristianismo e política. 3. Cristãos - Atividades políticas. 4. Vida cristã. I. Lima, Degislando Nobrega de. II. Andrade, Durval Ângelo. III. Andrade, Paulo Fernando Carneiro de.

21-70992

CDD: 261.7

CDU: 27-4:321.02

---

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

# Sumário

Prefácio .....	7
Apresentação .....	13
O sentido de tempo e de história no Antigo Testamento .....	15
<i>Aila Pinheiro de Andrade</i>	
Historicidade do reinado de Deus .....	28
<i>Francisco de Aquino Júnior</i>	
Apocalipse, uma leitura crítica da história .....	44
<i>Francisco Orofino</i>	
A descida de Cristo à mansão dos mortos, uma práxis cristã para um artigo de fé .....	55
<i>Roberto Marcelo da Silva</i>	
A cidade de Deus na cidade dos homens .....	81
<i>Luiz Antônio Pinheiro</i>	
História e teologia: a pertinência da categoria da história no fazer teológico latino-americano .....	108
<i>Alzirinha Souza</i>	
Utopia e Reino de Deus .....	121
<i>Maurício Abdalla</i>	
Neopentecostalismo, anarcocapitalismo e a teologia da batalha espiritual .....	148
<i>Paulo Fernando Carneiro de Andrade</i>	
O Sentido da vida enquanto questão central de uma filosofia da história .....	168
<i>Manfredo Araújo de Oliveira</i>	

O Reino de Deus e o agir dos cristãos no mundo .....	203
<i>Durval Ângelo Andrade</i>	
A transição da resistência para a resiliência em Agamben. O paradigma de novas condutas políticas na contemporaneidade .....	220
<i>Claudio César de Andrade</i>	
Há possibilidades de paz no nosso mundo? .....	243
<i>Leonardo Boff</i>	
Dados dos autores .....	255

## Prefácio

**A**presentamos aos leitores e leitoras das obras do Centro de Fé e Política - CEFEP este livro, contendo um rico elenco de textos sobre a interface entre fé e política, com alguns desafios e perguntas. Seguindo o realismo e a transparência de nosso patrono, Dom Helder Câmara, contamos com “a realidade que é nossa melhor amiga e aliada”. Damos muito valor a esta colcha de bons retalhos como **“Teologia da História e do Reinado do Senhor”**. Encontramos, aqui, um mosaico bem variado e ajustado de reflexos vivos e coloridos. Brilham a acolhida do Senhor na nossa fé e a cidade bem construída da política do povo. Lutando pelos três TTT, sonhados pelo Papa Francisco junto aos movimentos populares: Terra, Teto-moradia e Trabalho. Por essa utopia, respiramos e nela “esperançamos”, dizia nosso mestre Paulo Freire.

Um sistema semelhante foi desmontado pelo Qohélet/Eclesiastes. Sua mensagem, tão atual para esses tempos de sedução e marketing, é apresentado por Aila L. Pinheiro quando destaca o tempo e a história como realidades densas e presenciais a serem bem aproveitadas, sem abusar do nome de Deus. No imaginário hebraico, as celebrações do Shabat, sábado, para cessar, o Yom Kippur e o Rosh Hashaná, para o perdão e o retorno ao início, ajudam a manter a aliança com Javé. Essas celebrações são mais do que memória, são memorial e atualização de uma vida sadia e de um amor mais forte que a morte.

A teologia que preparou o Concílio Vaticano II e, de modo mais concreto, para nós, Medellín, em 1968, cristalizaram a evangelização como **“Presença da Igreja na atual transformação da América Latina”**. Pode ser a simples presença que testemunhou o Ir. Carlos de Foucauld no deserto africano, a Ir. Veva, entre os índios Tapirapé, do Araguaia, ou Madelaine Delbrel, nas periferias operárias da Europa. Uma realidade social que se respirava no ambiente, e uma vontade de desenvolvimento num mundo de empobrecidos.

Também hoje, com tanta injustiça e racismo, Atahualpa Yupanki cantaria: “Há um assunto na terra tão importante como Deus. Que

ninguém cuspa sangue para que outro viva do teu”. Seguindo Jesus, vivenciamos essa mística no meio da realidade. ***Podemos qualificar melhor nossa presença?***

Nesta caminhada, o teólogo Francisco de Aquino Junior foca nosso olhar na historicidade do Reinado de Deus. Olhando um pouco a história bíblica vemos que a imagem do Reinado do Senhor vinha da fé do povo de Israel na sua caminhada material, concreta e encarnada por Jesus de Nazaré, que proclamava como central a **Boa Notícia com os empobrecidos**. Nos Sinóticos, louvamos a sublimidade do Senhor dos céus e a graça do pão suficiente na oração do Pai-Nosso e nas Bem-aventuranças. A imagem do Reinado, longe da prática histórica, foi logo desfigurada por idéias helenistas e pelo sistema jurídico do império romano, até cristalizar em sistemas de cristandade. ***Como sair desse sistema que apoia o clericalismo tão criticado pelo Papa Francisco?***

Na segunda geração dos cristãos, o livro do **Apocalipse** circulava pelas Igrejas da Ásia menor, como outra forma de profecia da história. Naquele tempo, e ainda hoje, sofremos uma história dominada por elites seduzidas pela cultura dos impérios contra a vida do povo, como vemos em Ap 18,4. Francisco Orofino define essas comunidades cristãs como o exército do Cordeiro que enfrenta o dragão, personalizado no imperador romano. Com imagens chocantes e vivas se animam entre eles, com linguagem cifrada sem alarmar a ira imperial, para poder sobreviver: “Falta pouco. Estamos quase no fim. Temos é que continuar na caminhada”. Nos trabalhos de base e na presença capilar na sociedade, nossas comunidades leigas podem ser os novos anjos que, no início desse manifesto, recebem essas mensagens sinceras para as igrejas, Ap 2–3. ***Quem é hoje o apocalipse que nos revela a falsidade do sistema?***

Nosso Credo recolhe uma profissão de fé oriental do sec. IV, a “descida de Cristo à mansão dos mortos”. Roberto Marcelo da Silva estuda este artigo de fé e, com Rahner e outros, trata-o como símbolo da retomada da felicidade e do cumprimento da *kénosis*, da encarnação do Senhor. Nas condições tantas vezes infernais de nossa América Latina, **essa descida convida-nos a uma inculturação com os últimos**, os que habitam na escuridão das prisões, na opressão e no

descaso. Eles são invisíveis e impotentes. Achamos alguma raiz dessa situação nas expressões: *Refaim* e *Hades*, os não visíveis. Para que brilhe logo a libertação e ressurreição, como proclama Paulo: **“Morte, onde está a tua vitória?... Somos hipervencedores, graças àquele que nos amou...”** (Rm 8,37).

Muitos profetas e salmos já proclamaram e cantaram como utopia, a nova Jerusalém. Para lá caminham as tribos do povo de Deus e nós com eles. Em momentos de transição tão tensos como os atuais, podemos ver que Agostinho enxergava a **Cidade de Deus** na cidade dos homens. Luiz Antonio Pinheiro estuda o pensamento do bispo de Hipona, que não imaginava qualquer altar que separasse Deus do profano e da cidade dos homens e mulheres. Sua base não é platônica nem maniqueísta, mas bíblica e paulina. Seu pensamento realista, em espiral, não segue tanto o progresso e a prosperidade para ocupar espaços, mas o processo no tempo, “excursus” de paz e do amor. Não apoiaria consumos individualistas e meritocracias. Contava com a sua experiência pessoal e pastoral para afirmar que o ser humano é aquilo que ama. ***Nosso amor e sabedoria vão desenhando também a cidade de Deus?***

Alzirinha Souza destaca, no seu texto a teologia a partir da história que se faz. Teologia que age como discernimento do Espírito sobre o valor mais profundo da realidade. ***Como peneiramos o nosso discernir?***

**Utopia**, disso fala Maurício Abdalla, expondo o pensamento de Thomas Morus até Marx. Lembramos, nesta dimensão, o testamento de Jesus na sua despedida quando nos confirma que “estamos no mundo, mas que não somos do mundo”, nem dominados por uma idolatria que prevalece sobre os valores. Naquela época era o esquema decadente da economia e da cultura romana. A utopia nos incentiva a fazer do real algo mais próximo do ideal. Uma espécie de “sonho diurno” ou acordado, como dizia Freud. “Sonhar é só sonhar/sonhar juntos é realidade”, dizia nosso Dom Helder. Valor comunitário e sinodal das utopias. Mas a inquieta pergunta retorna: se não é para já, então para que serve a utopia? Eduardo Galeano respondia: “para seguir caminhando; ela é nosso horizonte”. Outro mundo diferente, novo, e não só melhor é possível.

Malthus, que vinha do mundo religioso, tinha se fixado no realismo superficial e, de algum modo, anti-utópico. Para ele, até a

assistência e o auxílio necessário aos pobres eram somente paliativos. Marx e Engels pensavam superar os socialismos utópicos pela ciência. O pensamento mais espiritual de Thomas Morus supera as expectativas fáceis e leva-nos a **uma esperança mais profunda**. Perfura a realidade e faz a história mais transparente até transcendê-la. A derrota da utopia seria a derrota do ser humano. O profeta Isaías 57–59 e 63 tinha descrito a realidade dura e indesejada, mas nela vislumbrava “um céu novo e uma nova terra”, com todas as marcas concretas das verdadeiras utopias. Zé Vicente, e nosso poeta das CEBs, Manelão, cantavam isso: “*Vai ser tão bonito... No olhar da gente a certeza de irmãos Reinado do Povo*”. “*É madrugada, levanta povo / a luz do dia vai nascer de novo / Rompe as cadeias, abre o coração / Vamos dar as mãos / já é Reino do Povo*». Ecoam assim as noites escuras mais pessoais dos místicos, como João Cruz e tantos outros. ***Seguimos na mística semeando utopias?***

Atenção especial merece, no nosso tempo, o **neopentecostalismo**, que pode ser encarado como reação mais emotiva, corporal e dinâmica às nossas expressões tão doutrinárias e rituais. Para uma fé e política saudável, é justo e necessário *apreender* tudo isso e escolher o melhor. Paulo Fernando Carneiro de Andrade escreve que essa onda neopentecostal não é tão espontânea. Pode ser uma articulação bem organizada, com suporte ideológico e financeiro, para **neutralizar a caminhada por uma igreja mais sinodal e libertadora**. Esse texto chama a atenção e estuda essa ideologia apocalíptica focada no fundamentalismo dá uma batalha espiritual.

Manfredo Araújo de Oliveira coloca o sentido da vida e da história como valores determinantes. O sentido acompanha o princípio supremo de toda moral que é o **respeito**, olhar e olhar com admiração e carinho. Confirma assim o pensamento kantiano da pessoa humana como um fim em si mesma. Ela não pode ser usada como meio nem pela religião que para ser fonte de saúde e paz precisa respeitar a autonomia do temporal, deixar respirar e superar infantilismos. Mesmo quando nos perguntamos sobre o mal e a pedra repetida no caminho. O mal é coisa nossa! Livrai-nos dele, é o último grito do Pai-Nosso, que Jesus nos confia na sua despedida. Cita o teólogo Andrés Torres Queiruga que encaixa bem, na liberdade do Senhor e na nossa liberdade, esse traço do

maligno no desenho da vida. O Senhor sabia disso na hora da criação, mas sabia também que **o mal não teria a última palavra.**

No agir dos cristãos integramos a fé em Cristo com a fé do próprio Jesus no Reinado do Pai. Isso prepara a colheita que chega como surpresa e graça na parábola de Mc 4. Trata-se da **espiritualidade** que mostra Durval Ângelo Andrade, seguindo a Casaldáliga, a L. Boff e ao Papa Francisco. Semeadura e construção do reino sim, mas trabalhadas no espírito da gratuidade, da acolhida e da esperança. ***Cuidamos dos nossos tempos de silêncio e de acolhida da graça?***

Claudio Cesar de Andrade, com referências políticas do filósofo Agamben, ajuda-nos a superar alguma ingenuidade e a passar da simples e necessária resistência a uma resiliência que dá a volta por cima e combina forças novas e criativas. As categorias de biopoder e biopolítica ajudam nessa análise. Mesmo sendo “resto” não aceitamos o estado de exceção em que querem nos confinar, como se fosse algo natural. Seguidores de Jesus nascemos para a liberdade maior que já defendia Paulo de Tarso frente ao judaísmo fundamentalista. ***Caminhamos nessa liberdade?***

Leonardo Boff, passando do cativo pela libertação até a ecologia integral, vai nos levando, com toda sua capacidade, ao testemunho de **uma Paz possível**. Paz que tem alguns antecedentes. O comentário tão franciscano que ele faz da oração do profeta de Assis reconhece também pedras no caminho da paz. Também o jesuíta Francisco nos convida a superar a generosidade e a viver como Jesus o *magis*, “mais”. “Ajudai-nos, Senhor, a criar um mundo novo”, é a aclamação de uma oração eucarística alternativa. A Justiça e a Verdade têm que se adiantar para preparar o abraço entre o Amor e a Paz. ***O Salmo 85 louva essas trilhas do Senhor.***

Boa leitura a todos e todas!

**Dom Giovane Pereira de Melo**

*Bispo de Tocantinópolis – TO*

*Presidente da Comissão Episcopal Pastoral para o Laicato (CEPL) e do Centro Nacional de Fé e Política Dom Helder Câmara – CEFEP / CNBB*



# Apresentação

Vivemos hoje um tempo onde se faz necessário um forte discernimento teológico sobre a relação entre o nosso agir histórico e nossa fé. Multiplicam-se visões míticas que são desmobilizadoras em relação a um agir político cristão que leve à construção de uma sociedade mais justa e fraterna, respeitando, de um lado, os princípios fundamentais de nossa fé, e de outro, a autonomia das realidades terrestres. Estas visões desresponsabilizam as pessoas e reduzem a realidade política a uma expressão mítica de uma batalha cósmica entre anjos e demônios, esvaziando o sentido da história concreta que se constrói através da participação cidadã.

Nesta obra, diferentes autores tratam de algumas das dimensões fundamentais da Teologia da História. Trata-se de, tendo em vista o agir político dos cristãos e cristãs, refletir sobre a relação entre o Reino de Deus e a construção de uma sociedade mais justa e fraterna, sublinhando o sentido ético do agir social humano e a responsabilidade que temos de assumir com relação à ação política, tendo presente o sentido que pode ser dado à história humana, buscando superar uma visão mítica da relação entre a política e a fé cristã.

Somos todos responsáveis pelas estruturas de poder e pelas estruturas econômicas que existem em nosso mundo. A fé cristã exige que nos engajemos nos movimentos que buscam transformar estas estruturas para que o mundo em que vivemos seja mais fraterno e para que se supere uma realidade social e econômica que exclui, que mata e que destrói a Mãe Terra, que se apoia na idolatria do capital e se constitui em si mesma em uma negação radical de nossa fé em Deus e do reconhecimento de que somos todos seus filhos e filhas, como ensina o Magistério do Papa Francisco.

**Paulo Fernando Carneiro de Andrade**



# O sentido de tempo e de história no Antigo Testamento

*Aíla Prinheiro de Andrade*

O tempo nos deixa impressionados com seu caráter indescritível e intrigante, sempre carregado de mistério. O ser humano passou a se interessar pelo tempo desde que começou a pensar sobre o sentido da vida. Nas épocas mais remotas da história, a humanidade descobriu que sua existência acontecia dentro do tempo, que ele não pode ser parado e que tudo lhe está submetido. Como é possível explicar o caráter unidirecional da flecha do tempo que sai do passado em direção ao futuro? Em outras palavras, o passado pode ser mudado ou o futuro pode ser previsto? Mito e poesia foram as primeiras formas de resposta a essas questões. Nos mitos, principalmente, houve uma personificação do tempo, muitas vezes identificando-o com um ser supremo, algo bem consoante com a ideia que as antigas civilizações tinham a respeito do divino.

## Noções de tempo para a cultura hebraica<sup>1</sup>

O escrito conhecido como *Eclesiastes* ou *Qohélet* é o único dentre o conjunto de livros bíblicos que os cristãos denominam Antigo Testamento, e que os judeus chamam de *Tanak*, a apresentar algo mais concreto sobre o tempo (Ecl 3,1-8). Mas, apesar dos autores bíblicos terem sofrido muitas influências da cultura do Antigo Oriente Médio na qual estavam inseridos, devido à sua fé monoteísta, muita coisa lhe é peculiar<sup>2</sup>. Portanto, embora Ecl 3,1-8 afirme que “há um tempo para cada coisa sob o céu”, não nos diz nada sobre a natureza do tempo,

---

<sup>1</sup> Com os termos “hebraico”, “hebraica” e “hebreu” estamos nos referindo a tudo que se refere ao povo de Israel desde o início, anterior ao surgimento do que hoje chamamos de judaísmo ou aspectos judaicos.

<sup>2</sup> *Biblical Time in RICOEUR*, Paul, *Figuring the Sacred, Religion, Narrative, and Imagination*, p. 167-180.

nem responde a outras questões que foram feitas ao longo da História. Para bem entender essa passagem, é necessário levar em conta o modo hebraico de pensar, sua cosmovisão, sua cultura.<sup>3</sup>

A razão hebraica conjectura tudo em termos concretos e não se envolve com nenhum tipo de especulação abstrata, como faziam os gregos. Os hebreus não especularam sobre questões como “o que é a verdade” ou “o que é a justiça”. Dessa forma, também não ofereceram teorias sobre “o que é o tempo”. Os hebreus não estavam interessados em teorizações sobre a vida e a realidade.

Entender a cosmovisão hebraica sobre o tempo requer que façamos um trabalho semelhante ao de um detetive. Como não há passagem no Antigo Testamento que esclareça sobre esse tema, só será possível descobrir o que os hebreus pensavam sobre isso, adotando uma abordagem mais indireta.

Quando lemos o Antigo Testamento, concluímos que a compreensão hebraica sobre o tempo surgiu do modo como foram descritos os eventos da vida humana e a interação de Deus com o povo de Israel. Quando lemos o livro do Eclesiastes em língua vernácula, nos deparamos com a famosa frase “há um tempo para tudo, um tempo para tudo debaixo do céu” (Ecl 3,1). No entanto, a palavra hebraica que traduzimos por “tempo” é *zeman*<sup>4</sup>, que pode significar “prazo, estação climática, período ou algo determinado, designado, fixado”. Portanto, supomos que o autor se refira ao tempo por causa do que é tratado no restante do texto. O motivo é claro, o Antigo Testamento não tem uma palavra para “tempo”, conforme o sentido abstrato que nós conhecemos. A palavra mais comum para “tempo” denota o momento ou o ponto em que algo aconteceu, ou acontecerá, como aparece no texto de Ex 9,18: “Eis que a esta hora amanhã enviarei um granizo muito pesado”<sup>5</sup>.

Outro modo de se referir ao tempo é a partir da ação de Deus na história de Israel. Nesse caso, o tempo está relacionado a um encaideamento de eventos vinculados entre si, e não a algo abstrato para

<sup>3</sup> Para maior aprofundamento: GLASMAN, Jane Bichmacher de, *À Luz da Menorá*, 1999.

<sup>4</sup> זְמַן in Klein Dictionary on line: <https://bit.ly/2ZvPqZl>.

<sup>5</sup> Em língua portuguesa, utilizamos a edição Nova Versão Internacional de Olive Tree Bible Software. Em hebraico, a Bíblia Hebraica Stuttgartensia do Bible Work Software.

além dos acontecimentos. O tempo é a sequência dos atos salvíficos de Deus, eventos reais que marcaram a vida das pessoas.

Para os ocidentais, o tempo é “cronológico”, para os hebreus, “qualitativo”. No Antigo Testamento, os eventos eram diferenciados e organizados, não por uma posição na sequência cronológica, mas de acordo com o impacto que causavam na vida das pessoas. Os hebreus ficavam impressionados com o peso ou o significado dos acontecimentos, e não com a quantidade de pulsos de um relógio<sup>6</sup>.

Os estudiosos da Bíblia ficaram impactados quando descobriram que eventos históricos, amplamente separados por diversas gerações, eram considerados pelos textos do Antigo Testamento como acontecimentos simultâneos. Por exemplo, os judeus no final do exílio da Babilônia, ao voltarem para a terra da promessa, experimentavam os eventos salvíficos do passado, tais como a libertação da escravidão do Egito, como se fossem acontecimentos contemporâneos, mesmo que o êxodo tivesse ocorrido há séculos atrás.

Os hebreus não consideram o tempo de vida de uma pessoa como um mero fluir dos dias e alertam que devemos nos libertar da tirania do tempo. Para a cultura hebraica, a duração da vida humana é um ato consciente, é missão de cada um e deve ser moldada de forma a adquirir sentido e dignidade. A fé triunfa sobre o fluxo dos dias, unificando-os em um sentido que é muito mais forte que um destino cego, predito e imutável. A fé sempre ressignifica o que passou, dando-lhe sentido, fazendo com que o passado seja visto, no presente, como legado e aprendizado. Assim, o passado é presente sempre. Para a cultura hebraica, o tempo não é uma entidade, mas algo que faz parte da narrativa preciosa que cria novos sentidos constitutivos da identidade das pessoas no presente.

Tampouco a cultura hebraica desenvolveu uma ideia de eternidade<sup>7</sup> como algo intemporal. A mentalidade hebraica não consegue compreender que possa haver vida e experiência fora do tempo. E, uma vez que a cultura hebraica reconhece que o tempo é uma criação

---

<sup>6</sup> IDEL, Moshe, “Higher than Time”, p. 179-210.

<sup>7</sup> AFTERMAN, Adam. Time, p. 162-177.

de Deus (Gn 1), também fica claro que ele não é eterno. Resumindo, não há eternidade sem tempo, embora o tempo não seja eterno. Como entender isso? A partir de uma compreensão mais profunda da modalidade “tempo imensurável”.

Para a cultura hebraica, o tempo pode ser considerado de duas formas. O *tempo mensurável*, que é, basicamente, a “ordem” ou a “sequência” (*seder*,<sup>8</sup> em hebraico), à qual os rabinos se referem como *seder zemanim*<sup>9</sup>, termo usado também para “calendário”. Essa modalidade de tempo foi precedida pelo *tempo imensurável*<sup>10</sup>, que antecedeu a criação do mundo físico.

Mas o tempo imensurável não é primordial em um sentido absoluto. Quando afirmam que o tempo (mensurável) começou, os hebreus não querem dizer que ele seja precedido pela ausência de tempo. Ou seja, o que seria para nós uma ausência de tempo é, para os hebreus, apenas uma de suas modalidades, o tempo imensurável. Esse é o tempo da eternidade<sup>11</sup>.

Em resumo, aqueles que consideram apenas o campo da relatividade, que lidam apenas com o primeiro aspecto do tempo, o mensurável, não conseguem perceber o que é mais significativo, o aspecto do tempo imensurável, que é o âmbito do sentido. Isto exige que o conhecimento *empírico* seja complementado por um conhecimento *metafísico*. O mundo físico tem seu sentido no horizonte que o precede, o tempo imensurável. Para a cultura hebraica, este conhecimento é vital em vista da resolução dos grandes problemas do mundo.

Aqueles que confiam apenas no aspecto empírico de todas as coisas enfrentam um impasse na compreensão de uma cosmologia holística, pois o materialismo impede que o sentido da totalidade das criaturas se revele em sua verdadeira identidade. Essa última é acessível apenas quando se considera o tempo imensurável. Sem essa intangibilidade, o mundo físico e o mundo do sentido permanecem estranhos um ao outro.

<sup>8</sup> סדר in Klein Dictionary on line: <http://bit.ly/2HC2CAQ>.

<sup>9</sup> *Zemanim* é o plural de *zeman*.

<sup>10</sup> O conceito de tempo incomensurável está bem esclarecido no Midrash Bereishit Rabbah 3,8, STERN, Sacha. The Rabbinic concept of time from Late Antiquity to the Middle Ages, p. 129-145.

<sup>11</sup> LINDSAY, James. ETERNITY.

## O sentido de tempo na Liturgia Judaica

É na liturgia que se supera a deficiência do empirismo, pois ali se revela a alma do mundo (o sentido da totalidade), quando, através dos ritos, o ser humano alcança o tempo imensurável. Nos ritos litúrgicos, o tempo mensurável e o imensurável dão-se as mãos.

Um exemplo disso é a primeira festa do ano, o *Rosh Hashanah* (“cabeça” do ano ou ano novo)<sup>12</sup>, que não é apenas uma comemoração, como o Ocidente faz com o *Réveillon*. O primeiro dia do ano é o dia em que a humanidade é criada. Embora nada mude na realidade visível, o ser humano tem a consciência, diante do Criador, de que, naquele momento do início de outro ano, a criação recebe um *update*, ou seja, não é apenas um outro dia amanhecendo, mas uma nova forma de existir, um potencial que se presentifica. Nesse momento litúrgico, o ser humano é chamado a tomar as rédeas de sua existência e a escrever, no Livro da Vida, o capítulo que somente ele pode escrever. O *Rosh Hashanah*, então, celebra o início, o meio e o fim do ano em um só dia. O dia em que a humanidade não “foi” criada, mas “é” criada agora.

Unido ao *Rosh Hashanah* está o *Yom Kippur*<sup>13</sup>, o dia do perdão. Esse dia celebra o fato de que não é possível reverter os atos do ano passado, retornar aos eventos e viver tudo de forma diferente. Por isso, o *Yom Kippur* exige reflexão e reconciliação consigo mesmo, com os outros e com Deus. Em *Yom Kippur*, o ser humano é chamado a retornar à fonte em vez de se entregar ao inevitável. Não é possível mudar o que aconteceu, mas também não se deve trazer o passado como uma carga sobre os ombros; o passado tem que ser ressignificado, presentificado, como um legado e uma aprendizagem.

O idioma hebraico não tem um termo para “arrepentimento”, mas um vocábulo para “retorno”, *teshuwah*<sup>14</sup>. O ser humano deve retornar, com sua reflexão, aos acontecimentos bons e maus, para refletir sobre eles e sobre o modo como Deus se revela através deles. Retornando, contemplando e se engajando numa introspecção ponderada,

<sup>12</sup> Para ulteriores estudos: KUNIN, Seth Daniel, *God's Place in the World*.

<sup>13</sup> BEN EZRA, Daniel Stökl, *The Impact of Yom Kippur on Early Christianity*, p. 209-2017.

<sup>14</sup> PETUCHOWSKI, Jakob, *The Concept of 'Teshuvah' in the Bible and the Talmud*, p. 175-185.